

REDES SOCIAIS E FORMAÇÃO DOCENTE EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Prof^a. Dr^a. Denise Machado Cardoso – Universidade Federal do
Pará / PPGCS

Prof^a. Dr^a.Voyner Ravena Cañete / Universidade Federal do
Pará - PPGCS

Caio Almeida Prado - Bolsista de Iniciação Científica

Teonila Thais Valente de Oliveira - Bolsista de Iniciação Científica

Joyce Medeiros de Melo - Bolsista de Iniciação Científica

RESUMO: O estudo sobre os usos das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação - NTIC - por docentes e discentes do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará - UFPA - tem como objetivo principal a investigação e discussões acerca das contribuições das NTIC para a formação integral do docente das áreas de Ciências Sociais, a saber: Antropologia, Ciência Política e Sociologia. Para tanto, foi realizada a pesquisa com uma proposta quanti qualitativa a partir de questionário semiaberto com docentes. Posteriormente, indicam-se reflexões com intuito de nortear ações e práticas relacionadas às NTIC na formação de docentes em Ciências Sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, Ciências Sociais, Cibercultura, Docência

Introdução

As possibilidades trazidas a partir da Revolução das Tecnologias de Informação e Comunicação e encabeçadas pelo surgimento do computador em meados da década de 1950 abriram as portas a um novo mundo de avanços tecnológicos que continuamente apropriam-se de diferentes ferramentas e constroem uma diversidade de saberes peculiares a uma cultura virtual, cibernética.

A essa cultura podem ser atribuídas características como a grande velocidade com que as informações circulam e fazem-se conhecidas, renovando quase em tempo real o dia-a-dia das sociedades, produzindo mudanças sociais e técnicas, econômicas e de costumes em um tempo muito mais curto do que se acostumou a ver. Pierre Lévy (1999, p.17) coloca que a “cibercultura é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” assinalando a essência do que chamamos de cultura cibernética, ou cibercultura.

Sob essa perspectiva, entende-se que foi aberto outro ponto de comunicação interpessoal por meio da virtualidade e este não somente é novo como revoluciona aspectos da própria interação e comunicação social, bem como do conhecimento e aprendizagem, fazendo-se necessário na medida em que se expande com grande rapidez e torna-se indispensável à maioria de seus usuários, uma dependência não só da máquina, mas da própria cultura criada a partir dela e que confunde o real e o virtual, o humano e o cibernético, como indica Juan Droguett (2003). A educação escolar necessita de uma contínua renovação de métodos e linguagens na medida em que os antigos não mais atingem os alvos pretendidos por forças externas ou pela própria mudança conferida ao receptor da mensagem, o aluno.

Se entendermos os dois lados da comunicação educacional, o professor e o aluno, como indivíduos dotados de uma gama imensa de potencialidades que deste modo não pretendem ser estáticas e inamovíveis, bem como seres sociais pertencentes a uma comunidade e, portanto, submetidos a suas mudanças e adaptações, veremos a própria comunicação do aprendizado como uma dinâmica de relações que contemplam as próprias mudanças sociais e culturais que ocorrem no meio em questão.

Cumprida, desta forma, entender de que maneira os impactos da Revolução de Tecnologias da Informação e Comunicação avançam sob a educação universitária e como essas novas ferramentas em

potencial podem ser utilizadas pelos docentes e discentes de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará.

Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, Cibercultura e Educação Formal

A Revolução da Informática só foi possível de acontecer na década de 1990 por conta de uma série de mudanças que já estavam ocorrendo desde os anos de 1950, com a produção dos primeiros computadores comerciais pela IBM, pouco semelhantes aos computadores que hoje conhecemos. Em 1970, o surgimento da microeletrônica faz alavancar o aperfeiçoamento dessas máquinas que tinham uma conotação estritamente profissional e estavam circunscritas a um pequeno grupo de pessoas que podia adquiri-las devido ao seu custo. (KAPRA, 2002)

A microeletrônica fez parte desse processo ao desenvolver circuitos integrados com milhares de transistores, elementos capazes de processar impulsos elétricos, e abriga-los numa plaqueta de silício chamada *chip*. Com o tempo, uma maior quantidade de transistores pode ser contida no chip, chegando a milhões, e o chip tornou-se cada vez menor, podendo ser até do tamanho de uma unha. Com o avanço dos chips, essas pequenas máquinas puderam ser armazenadas em outros aparatos tecnológicos além dos computadores.

Ainda na década de 70, outra empresa despontou como concorrência na produção de computadores. Criada por Steve Jobs e Stephen Wozniak, a Apple se propunha a inovar o comércio da informática ao desestabilizar a venda dos *mainframes*. Não demorou muito pra que a IBM percebesse que deveria estar atenta para esse novo mercado que começava a despontar e, fazendo isso, lançou o *personal computer* (pc), sua criação de microcomputador. Essa nomenclatura posteriormente começou a ser empregada para todos os microcomputadores (KAPRA, 2002).

Em 1980, a Apple, disposta a se estabelecer no mercado, apresenta ao público o Macintosh, um computador de uso menos complicado por trazer consigo o mouse e os ícones de acesso. A concorrência acirrou-se ainda mais no ramo quando Bill Gates e Paul Allen puderam desenvolver o primeiro software específico para computadores nesse mesmo período e, a partir desse sucesso, esses jovens puderam fundar a Microsoft, uma das maiores empresas de softwares do mundo. (KAPRA, 2002)

Ao mesmo tempo em que a Revolução da Informática tomava conta dos espaços direcionados a ela e trazia à sociedade invenções mais aperfeiçoadas que as anteriores num curto período de tempo, as telecomunicações também puderam gozar de imenso avanço a partir da década de 1960. Nesse período iniciaram-se os lançamentos de satélites de órbita estacionária que contribuíram de forma decisiva para a diminuição do tempo de comunicação entre lugares distantes e foram capazes de auxiliar o transporte aéreo, fluvial e rodoviário ao ajudar os viajantes a saberem com maior precisão suas localizações.

Além dos satélites, os cabos de fibras óticas desenvolvidos no mesmo período puderam melhorar a qualidade das ligações telefônicas e potencializar sua velocidade, contribuindo também com outras invenções, como o forno micro-ondas, as transmissões a *laser* e o telefone celular digital (KAPRA, 2002). A própria Revolução das Comunicações pode contribuir na ressignificação do computador, anteriormente utilizado apenas para armazenagem de informações e operações administrativas, mas que agora trazia novas perspectivas de conteúdos e usos, alterando costumes e modos de se relacionar, enfim, trazendo à tona uma nova relação: o homem e a máquina inteligente.

É importante ressaltar que esse período de efervescência de invenções revolucionárias esteve intrinsecamente ligado a toda uma conturbação social que ocorria na mesma época. Os anos 60 ficaram marcados na história por grandes movimentos, como a Primavera de Praga, que questionavam a tradição das gerações anteriores e reivindicavam maior liberdade em favor da juventude, dos negros e dos socialmente excluídos. A livre expressão de consciência tomava pauta e estendia-se para as artes, como a música, o teatro e a literatura, concedendo a base para a formação de uma contracultura que se revelou criativa. Como afirma Fritjof Kapra,

Quando o Vale do Silício tornou-se o polo da mais alta tecnologia e atraiu milhares de mentes jovens e criativas do mundo inteiro, esses novos pioneiros logo descobriram - caso já não soubessem - que a região da Baía do São Francisco também era um dos mais fervilhantes centros da contracultura. As atitudes irreverentes, o forte sentido de

comunidade e a sofisticação cosmopolita dos 'anos sessenta' compuseram o pano de fundo cultural do estilo de vida informal, aberto, descentralizado, cooperativo e futurista que se tornou característico das novas tecnologias da informática. (KAPRA, 2002, 146).

Era um novo momento social que chegava e trazia as condições necessárias para o recebimento positivo das novas tecnologias da informação e comunicação e até hoje, as TIC não cessam em seus aperfeiçoamentos mesmo quando por vezes parece não haver mais o que inventar. A realidade se mostra, muito pelo contrário, em franco desenvolvimento criativo nessa área. A telefonia celular, a televisão e os computadores surpreendem a cada avanço, mas não são os únicos aparelhos que obtiveram um boom a partir dessa nova época.

A maioria dos aparelhos eletrônicos que utilizamos em nossas atividades diárias possui agregada a eles um chip, e sequer nos damos conta disso, já que tantas tecnologias se inseriram nas rotinas das cidades e transformaram muitos usos antigos. O advento da Web 2.0 ou internet das pessoas trouxe à tona uma nova possibilidade de relações com a formação do mundo virtual onde os indivíduos tem a liberdade de se comunicar por meio de blogs, das redes sociais virtuais e de outras plataformas como sites e fóruns de discussão.

Diferindo-se dos meios de comunicação em massa, a comunicação possibilitada pelo avanço da informática oferece, potencialmente, uma maior proximidade entre o comunicador e seu receptor, bem como uma maior interação no ato de transmitir, já que as informações podem ser mais facilmente verificadas e até mesmo combatidas e deixadas de lado. O espaço cibernético em pleno século XXI se apresenta também como meio de interação entre indivíduos que em outro momento histórico não conseguiriam manter relações em comum e que usam a internet para interagirem em comunidades virtuais que se organizam em torno de interesses semelhantes.

A facilidade com que são operadas, em comparação às demais mídias, coloca as mídias digitais passos à frente no nível de interatividade com seu público e na disseminação dos seus conteúdos, já que o mínimo de conhecimento das máquinas e do meio virtual é suficiente para a emissão e recepção informativas.

As relações de conhecimento se travam consoante à compreensão de mundo de uma época ou de determinada sociedade. As demandas de conhecimento, ou seja, o que é necessário aprender, a maneira usual de utilizar esse conhecimento e o modo pelo qual a informação será apreendida e digerida pelo educando também depende do contorno social no qual essas relações são estabelecidas. Nada mais normal de se constatar, já que os indivíduos que prioritariamente ensinam são atores sociais – trabalham, vivem suas vidas em comum, exercem seus direitos e deveres e são cobrados socialmente de acordo com o lugar que ocupam. O mesmo se dá com aqueles que aprendem – suas relações estão altamente interligadas à sociedade como um todo e o conhecimento apreendido será usado, de alguma forma, de acordo com a necessidade encontrada por estes no dia-a-dia e em situações nunca antes presenciadas que exigirão destes um conhecimento teórico prévio.

Características peculiares a essas tecnologias são incorporadas aos modos de apreensão dos indivíduos e como modos de fazer que são, possuem uma via de mão dupla: ao mesmo tempo que são delineadas e significadas pelo uso, delineiam e estabelecem novos padrões para os próprios indivíduos. Logo, a inovação revolucionária das NTIC produz padrões de comportamento que atingem os modos usuais de educação como os tínhamos antes, pondo em cheque a necessidade de adaptação.

A convergência midiática apresentada a partir do avanço da informática concede ao usuário das novas NTIC um aglomerado de múltiplas escolhas dentro do mesmo aparelho. Sentidos diferentes podem ser abordados por meio da mesma informação, fazendo com que o indivíduo situado do outro lado da tela permaneça com todos os sentidos estimulados - ora ele ouve, ora ele fala, a todo tempo ele lê textos verbais e não verbais e na maioria do tempo ele interage com a máquina, utilizando o contato (SANTAELLA, 2003). Elementos como a rapidez com que as informações circulam e são veiculadas e o imenso volume das mesmas inseridas no espaço cibernético se opõe ao tempo de análise e reflexão exigida dos educandos no momento da aprendizagem, bem como à ênfase concedida na direção da qualidade e profundidade em detrimento da quantidade do conhecimento (SILVA; CRUZ, 2008). A imensa capacidade de evoluir seus próprios comandos e expandi-los dá às NTIC a característica de modificar-se continuamente, sempre em busca do novo, melhor, mais fácil e mais ágil e isso atinge os seus usuários, motivados a cultivarem uma cultura do rapidamente ultrapassável e a perpetuá-la em outras esferas da vida, como na aprendizagem.

Porto (2006) prefere enfatizar as potencialidades do uso dessas tecnologias separando-as em seis principais. A primeira concerne à rapidez das informações que além de aumentar o fluxo de informações disponíveis, permite à linguagem cibernética atuar em mais de uma via - estimulando diferentes linguagens e os demais sentidos - no mesmo espaço de tempo que uma informação seria passada pela via oral numa sala de aula, por exemplo. A segunda característica ressaltada pela autora diz respeito à recepção individualizada que se faz possível por meio das máquinas. Determinadas salas de aula estão abarrotadas de alunos e por vezes, o assunto ministrado pelo professor necessita de uma reflexão e discussão mais amplas e a grande quantidade de alunos acabava dificultando.

A terceira potencialidade das NTIC está na oportunidade de desenvolver a interatividade e a participação na sala de aula, já que o aluno pode se sentir mais estimulado pelo aparato tecnológico. A quarta fala da hipertextualidade que ao tornar necessária a maior interação dentro do processo da aprendizagem acaba tornando a relação mais semelhante à realidade das situações cotidianas, notáveis pelas suas complexidades. A quinta característica que pode ser utilizada em benefício da aprendizagem é o mundo que se apresenta com a realidade virtual, já que os jogos educativos podem trazer de volta em muitos alunos o prazer em aprender, desmistificando o conhecimento como algo pesado e obrigatório e introduzindo um novo olhar sobre ele.

Finalizando a lista da autora está o benefício da digitalização quanto à ideologia do se que ensina. Utilizando a internet ou os materiais oferecidos por outros softwares vinculados às tecnologias da informação e comunicação observa-se uma maior aproximação entre o conteúdo ministrado e o autor que o organizou ou produziu, facilitando a identificação da ideologia por trás do material e até mesmo uma discussão sobre a mesma.

Enquanto Porto (2006) assinala tais potenciais benefícios, a discussão continua no sentido de indagar até onde tais ferramentas tecnológicas podem ser utilizadas. Paulo Freire assinala que o papel do professor vai muito além do ministrar o assunto e fazê-lo entendido. Ele consiste na própria educação para a vida, para o conhecimento da realidade que se apresenta ao redor, para que cada indivíduo seja apto a escrever sua própria trajetória. Nessa perspectiva, a educação vai muito além das ferramentas utilizadas e depende em grande monta da consciência do profissional sobre seu papel ante os alunos. (TORRES CARILLO, 2007)

Albertina Martínez, em um estudo sobre criatividade e educação apresenta as ferramentas utilizadas em sala de aula como auxiliadoras no processo de aprendizagem desde que o professor esteja consciente que sua tarefa pedagógica vai além do entendimento do assunto, mas alcança o próprio desenvolvimento do aluno enquanto ser criativo. Como a mesma coloca:

O êxito de uma estratégia global no sentido em que a propomos depende da possibilidade real do professor e da instituição educativa em seu conjunto para leva-la a cabo. Quando nos referimos aqui à *possibilidade real*, não aludimos ao conhecimento de técnicas ou metodologias específicas, mas à criatividade, à sua importância e às vias para seu desenvolvimento. Quando o docente possui a adequada representação desses fatores, gera atitudes e convicções que fazem dele o sujeito indutor do processo criativo. (MARTÍNEZ, A. 1997, 186)

Entender a educação formal e sua relação com uma ferramenta que ultrapasse a sala de aula, como é o caso da cibercultura não é tão fácil. Muitas das características da cultura cibernética diferenciam-se do que se convencionou denominar de educação formal, como a ênfase na quantidade e velocidade informacional em detrimento da qualidade e reflexão que o aprendizado de qualidade exige.

A lógica do reconhecimento de saberes dos sujeitos inclui a ampliação do aprendizado e da educação para uma escola que reconheça a escola formal como apenas um dos ambientes de aprendizagem entre tantos outros frequentados pelos educadores e educandos. Nessa ótica, admite-se que tanto o professor quanto o aluno são seres sociais em desenvolvimento, que ainda não estão prontos e são influenciados pelas condições culturais de seus respectivos meios.

Assim, a educação necessita ser tratada como um conceito ampliado e que reconheça saberes disponíveis nos espaços formais e não formais, como é o caso da cibercultura. No entanto, apesar de reconhecer essa conexão entre saberes, os estudos a esse respeito ainda são incipientes no que se refere ao curso de graduação em Ciências Sociais da UFPA.

Para a compreensão de redes sociais foi levado em conta o estudo de Barnes (2010), o qual propõe uma nova perspectiva de entendimento das mesmas, ampliando sua conceituação na medida em que considera as redes sociais como aparatos não peculiares ao ambiente virtual e oferece um método para identificação e caracterização das mais diferentes redes. Seu método possibilita a delimitação entre redes que se cruzam na sociedade e ajuda a encontrar o indivíduo ou o grupo que exerce influência de liderança ou que a partir do/dos mesmo/mesmos as redes são estabelecidas.

A idéia de conjuntos de ações peculiares a uma rede social, bem como de conjuntos de saber fazer auxiliaram no entendimento das redes sociais localizadas na cibercultura e foram instrumentos para a compreensão de como a virtualidade pode estar influenciando positiva ou negativamente na educação ou repasse de conhecimentos científicos dentro do grupo estudado.

A pesquisa referida aproveita uma necessidade do centro do saber, seja ele uma escola a nível fundamental e médio, seja uma universidade ou um centro de ensino que use o método à distância, de integrar-se nesse acréscimo de linguagens e saberes e que reconhecendo essa necessidade, avança na produção de materiais científicos acerca desse fenômeno social e fator influenciador da educação.

A apresentação dos dados da pesquisa

A presente pesquisa foi executada levando em consideração certos parâmetros metodológicos tais como o levantamento de documentação indireta, que para Eva Lakatos (2002) consiste no levantamento prévio de dados sobre o assunto a ser pesquisado. A documentação indireta segundo a autora pode ser dividida em pesquisa documental, ou fonte primária e pesquisa bibliográfica, ou fonte secundária. Na atual pesquisa faz-se uso da pesquisa bibliográfica, utilizando-se dos principais autores do assunto e também de pontos de vista não tão conhecidos, mas que apresentam discussões válidas e necessárias.

Também foi usada a documentação direta, caracterizada como “o registro de uma dada situação/fenômeno enquanto ele/ela ocorre” (LUNA, 2009, p.53) que partiu das pesquisas de campo com o objetivo de recolher dados que embasem a pesquisa. Foi utilizado o questionário estruturado com docentes do curso de Ciências Sociais da UFPA na fiel pretensão de abordar uma amostra estatisticamente relevante de professores desse curso.

O método etnográfico foi posto em prática por meio da coleta e análise de informações e costumes peculiares ao universo das redes sociais, acessadas por um grande número de professores e alunos do curso em questão. As análises no decorrer de toda a pesquisa foram qualitativas e quantitativas, com coleta e análises de dados primários e secundários, no entanto, a observação participante serviu como conhecimento de causa e confirmação de apreensões verificadas na pesquisa quantitativa e bibliográfica.

Segundo Auro de Jesus Rodrigues (2006), a análise dos dados pesquisados tem o objetivo de organizar, apresentar e descrever os resultados obtidos, cabendo uma reflexão do pesquisador quanto ao tema, bem como explicações e comparações no intuito de melhor responder ao problema de pesquisa efetuado anteriormente. Baseada no raciocínio exposto, a corrente pesquisa, após o término da coleta de dados, prosseguiu com a análise de dados seguindo os padrões esclarecidos acima para então, por meio de levantamento bibliográfico e empírico, concluir a pesquisa.

O questionário foi aplicado com cinquenta por cento dos professores ativos na graduação no curso ciências sociais UFPA/ Campos Belém, perfazendo um total de 26 de professores. Os questionários foram enviados para os professores para os seus e-mails disponíveis na página da faculdade de ciências sociais, contudo tivemos problemas iniciais, pois alguns e-mails não estavam atualizados e alguns docentes relataram que o e-mail cedido pela instituição tem uma capacidade pequena de armazenamento, ficando com capacidade máxima rapidamente e impossibilitando a visualização dos questionários enviados.

A participação dos professores não foi conquistada facilmente, conseguida com persistência, depois do envio do questionário mais de cinco vezes só alguns responderam, outros só responderam virtualmente através do contato pessoal e diversos somente depois de ter sido lembrado por outra rede social, no caso o Facebook. No decorrer da greve, o contato com os professores ficou muito difícil, a maioria que conseguimos falar nesse período marcava para responder o questionário depois da greve. Por esse motivo só depois do término da greve conseguimos concluir a aplicação do questionário com os cinquenta por cento de professores disponíveis.

Os dados obtidos na aplicação dos questionários estão expostos nas tabelas abaixo:

Tabela 1: Tempo de profissão dos professores de Ciências Sociais UFPA, 2012.

Tempo de Profissão	Percentual
0-5 anos	0
6-10 anos	0
11-15 anos	8%
16-20 anos	28%
21 anos em diante	64%

Como se observa na tabela 1, em relação ao tempo de docência, 92% dos professores pesquisados têm mais de 15 anos de serviço com média de idade de 50 anos, mostrando assim a experiência do público pesquisado. Na tabela 2, a seguir, tem-se o cruzamento dos dados das repostas referentes ao número de computadores (fixo ou moveis) como o tempo de uso semanal da internet dos docentes. Através dos dados obtidos verificou-se que 60% dos professores passam mais de 15 horas na internet semanalmente.

Tabela 2: Distribuição do número de computadores por tempo de uso semanal da internet dos professores do curso de Ciências Sociais UFPA, 2012.

Numero de computadores em casa					
Tempo de uso da internet (horas)	0-1	1-2	3-4	5	Total
0-3	4%				4%
4-7	4%	4%	4%		12%
8-11		12%	4%	8%	24%
12-15					0%
15-18			16%		16%
19 em diante	4%	16%	20%		44%
Total	12%	32%	44%	8%	100%

É possível notar que a maioria (56%) possui mais de três ou mais computadores em casa, e o tempo de uso da internet é crescente em relação ao número de computadores em domicílio. Verificamos também que 74% dos professores passam no mínimo 1 hora por dia na internet, tornando assim os docentes usuários regulares da rede mundial de computadores.

Na tabela 3, cruzamos os dados mais importantes da pesquisa, a utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC) nas atividades dos docentes de ciências sociais/UFPA, em relação ao número de professores que possuem contas em redes sociais.

Tabela 3: Percentual do número dos professores do curso de Ciências Sórias que possuem conta em alguma rede social pelo numero de professores que utilizam Tecnologias da informação em sala de Aula, 2012.

Utilização em sala de aula			
Professores que possuem conta em redes sórias	Sim	Não	Total
Sim	64%	8%	72%
Não	28%		28%
Total	92%	8%	100%

Pode-se auferir que a grande maioria (92%) dos professores utiliza alguma tecnologia da informação e comunicação em sala de aula. A tabela também mostra que todos os professores que têm conta em rede social utilizam esses recursos em sala de aula. E a rede de maior preferencia é o Facebook com 52% de adesão. Em relação à opinião sobre a prática docente e usos integrados das NTIC, tem-se o seguinte:

Tabela 4: Percentual da opinião dos professores do curso de Ciências Sórias se há integração entre Tecnologias da informação e pratica docente na formação dos discentes, 2012.

Opinião dos professores	Percentual
Sim	28%
Não	72%

A maioria (72%) dos professores tem a mesma opinião, que os discentes não estão sendo preparados na graduação para integração entre as NTICs em sua futura prática docente. O que demonstra uma visão negativa em relação formação dos futuros docentes perante as NTICs.

Foi perguntado também para os professores sobre a importância do uso de NTICs em suas aulas é por qual motivo dessa importância. Muitos relataram a facilidade da troca de informação, obtenção de dados e textos, um aprimoramento da comunicação com discentes, causando assim uma aproximação entre as pessoas e chegando a o docente identificado como A a apontar que essas tecnologias democratizam o conhecimento:

"Não acho somente importante, mas considero fundamental a utilização das novas tecnologias como ferramentas informacionais e pedagógicas decisivas para o acesso e democratização da produção do conhecimento; potencializando metodologias e conteúdos disciplinares e transdisciplinares, considerando a necessidade de uma formação integral e global."

Foi perguntado também caso o professor utilize alguma das NTICs em sala de aula, é percebido maior interatividade e atenção da turma. As opiniões foram antagônicas, uns defenderam que o uso das NTICs facilita a vida do professor, melhora a qualidade da aula, com possibilidade de mostrar gráficos, imagens e possibilidade de buscar informações pela internet. Também foi citada a familiaridade da geração com esse tipo de tecnológica. Já alguns docentes não notam diferença na interação e atenção da turma com o uso das NTICs, chegando até a criticarem o seu uso excessivo. O professor J Argumenta:

"Não necessariamente. Não são as técnicas pedagógicas que levam a interatividade e atenção. Apenas que as técnicas da internet é mais rápidas, e mais prática. Só o convencimento interior e a motivação pessoal é que pode levar os alunos a maior interatividade, e interesse pela disciplina"

Por último, foi perguntado aos professores que não achavam que os discentes de ciências sociais não estão sendo formados para integrar as TICs na atividade docente e o motivo dessa não integração.

Em relação à questão de não haver uma estratégia institucional tanto estruturalmente (mais laboratórios de informática, e maior acesso a internet em todo campus) quanto em questão curricular propondo a criação de uma disciplina que foque na questão, o professor C enumerou as possíveis causas dessa situação:

“1º) ausência dos meios materiais (PC, tablets etc.); 2º) inacessibilidade aos meios virtuais, particularmente à própria web; 3º) desinteresse do docentes em usar TI para fins didático-pedagógicos e 4º) currículo desvinculado da realidade informacional atual.”

Embora alguns professores critiquem as lacunas na formação no que se refere às NTIC, há também o receio dos docentes em mudar suas práticas pedagógicas para inserir as tecnologias da informação.

Notas conclusivas

O local onde estas relações são construídas, seja a escola em suas múltiplas formas ou a universidade, faz parte do emaranhado social que influencia a educação, pois os parâmetros e as perspectivas almejadas delinham o contorno do que se entende por aprendizado dentro da instituição e concederão as metas educacionais. Esses parâmetros e essas perspectivas são elementos constituintes das apreensões da época e do que se entende como o melhor naquele contexto. Visto desse prisma, as novas Tecnologias da Informação e Comunicação aparecem como potenciais agentes de mudança das relações de conhecimento ao se fazerem notar também em outros aspectos da vida em comum.

As novas tecnologias de informação e comunicação trouxeram dinâmicas revolucionárias ao abrirem possibilidade de uma máquina como o computador ser capaz de converter informações textuais, sonoras, imagéticas e visuais em uma linguagem única através de seus códigos binários.

Fazendo isso, o usuário não é mais um coadjuvante passivo no campo da veiculação de informações e conteúdos. Ele torna-se propriamente um contribuidor, um agente de formação e veiculação de informações consoante aos seus interesses ao ser estimulado e fazendo estimular outros através dos conteúdos que ele mesmo administra ou cria. Esse processo de criação virtual, aberta a qualquer um que possua um aparelho capaz de conectar-se à internet, traz oportunidades àqueles que antes estavam à margem das construções veiculadas nas mídias de massa, que em grande parte são operadas somente por técnicos e profissionais ligados às áreas de comunicação.

Evidencia-se com os resultados desse estudo já lançam, ainda que de maneira parcial, uma primeira luz sobre o tema e sobre a situação da formação dos discentes no curso de Ciências Sociais UFPA/Campus Belém. Os dados e as opiniões dos docentes aqui apresentadas necessitam, ainda, ser analisados de maneira conjunta aos dados e opiniões dos alunos em rodas de debates e em oficinas. Contudo, alguns resultados demonstram a importância do tema, e em algumas falas, no quase pioneirismo deste projeto. É importante que projetos com essa temática sejam mais recorrentes, abrindo uma discussão mais sólida acerca das tecnologias da informação e comunicação na educação.

REFERÊNCIAS:

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura - Volume um*. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

CRUZ, Fátima Maria Leite e DA SILVA, Etiane Valentim. Educação. *Na Sociedade da Informação: Um Olhar Sobre O Papel E A Formação Docente*. Trabalho apresentado no 2º simpósio Hipertexto e tecnologia na educação, realizado na Universidade Federal De Pernambuco em 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção (org.) *Cibercultura e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. - (Coleção leitura, escrita e oralidade)

JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34,1999.

PORTO, Tania Maria Esperon. *As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... Relações construídas*. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006